

Gustavo Ferreira

BH Zombi

Nunca
soubemos como
começou, ou
de onde vieram



Rodapé

BH Zombi



BH Zombie

Gustavo Ferreira

*
Rodapé

À Tia Beth, quem me alfabetizou.

A (ela, e sempre ela) Mariana,
companheira de todas as horas. Aos meus
rebentos, Amanda, Daenerys e Gregor,
que me dão satisfação a cada passo.
Aos pais, irmãos, cunhados, parentes e amigos,
por estarem presentes em meus sonhos.



Nunca soubemos como começou, ou de onde vieram.

Talvez uma mistura de drogas: crack somado a, suplementos alimentares, agrotóxicos dos alimentos. Ou nada disso.

Talvez vírus, bactérias, protozoários...

Após um turno de serviço, Leonardo me buscou em casa. Fomos ao Olympico Club assistir a uma competição de natação. Eu e Léo só fomos porque haveria um coquetel após as competições. “De grátis”. Nada nessa vida é grátis.

No caminho meu irmão foi contando como o turno de serviço havia sido estranho, violento, mas eu nem dei muita importância para o que ouvia. Estava aéreo, estranho, sentindo que algo não estava bem.

Chegamos ao clube, à competição, ao coquetel. Coquetel maldito.

Na parte superior, de frente à escada que dá acesso às piscinas, havia um aglomerado de convidados observando o Olympico levar mais uma surra do Minas. Diversos outros clubes, da capital e do interior, estavam presentes: Mackenzie, ART, PIC, YUCCA, USIPA, COPM. Lembrei-me de quando era eu quem estava lá, nadando e levando uma surra do Minas.

Lá embaixo onde ficam as piscinas, estavam os atletas, parentes, juízes e fãs do esporte, além da imprensa.

Meu irmão continuava comentando sobre o turno conturbado que havia passado, com um número grande de ocorrências de agressão, ocorridas especialmente em locais próximos às cracolândias da área central de BH, como a avenida Santos Dumont e as proximidades do IAPI. Agressões, arranhões, mordidas. Olhos amarelos brilhando na noite. Que noite tumultuada...

Distraídos, logo o assunto tomou outros ares, e nem desconfiávamos do que viria a seguir.

Parece que a confusão começou no vestiário masculino, que fica embaixo da escada. Um cheiro nauseabundo, depois uma correria, um empurra-empurra. Em seguida, um grito. Depois outro, e outro, e outro...

Um jato de sangue espirrou quando um dos atletas teve sua jugular rompida a dentadas. Rapidamente a coisa se alastrou. Os que caíam eram mordidos, esmagados, destrocados. Depois, se levantavam e faziam o mesmo com quem ainda estava vivo.

Achei que era sonho. Eu era fascinado em histórias de mortos-vivos e tudo mais. Antes fosse.

A correria se espalhou. Os curiosos da parte de cima, entre eles eu e Léo, corremos para ver o que estava acontecendo. Vimos, espantados e sem entender direito, as pessoas sendo devoradas vivas. Choro, gritos, desespero. Era difícil acreditar, mesmo vendo.

De repente, um dos malditos saltou da parte das piscinas para onde nós estávamos e passou por cima de mim. Mas minha mente, que sempre faz alusões inusitadas em horas inoportunas, questionou: “Uai, quem salta assim é vampiro! Zumbi é que anda à luz do dia. Como pode?”.

Demorou cinco segundos. Quando dei por mim, o Léo estava sendo agarrado pelo maldito. Ele saiu empurrando todo mundo, tentando se desvencilhar das garras da morte, daquele olhar febril. Ainda bem que era o Léo. Com seu corpanzil, ele pôde manter as garras do monstro longe de sua garganta. Mas o maldito era mais forte. Agarrou na jaqueta. Jaqueta de couro. O Léo a usa até hoje, nos dias em que saíamos do abrigo.

A jaqueta protegia o Léo das garras, mas isso não duraria muito tempo; logo essas garras penetrariam em sua carne e o Léo seria mais um deles. Ele se debatia agilmente, tentando se livrar da jaqueta, mas não conseguia. Naquele instante, agradei aos chineses pela descoberta da pólvora. Nunca havia feito isso antes. Saquei minha pistola e encostei a alça de mira no coco do Maldito. Um disparo e voou sangue negro pra todo lado. Depois, todos que ainda não tinham se dado conta do perigo acordaram. Acordaram ou caíram no pesadelo. E a correria começou.

Nessas horas, não adianta ser bonzinho. Eu e o Léo saímos correndo. Não deu tempo de fazer nada, quem caía era pisoteado, esmagado. E se não morresse com os pisões, virava comida de Maldito.

Passamos em frente ao bar, fizemos aquela curva perto da quadra um, pegamos a escada e a rampa de acesso para a rua. Corremos muito. Tínhamos que alcançar as motos.

Passando ao lado do Salão de Sinuca, a desgraça. Mais um maldito vindo em nossa direção. Espantou-nos, pois era um indício de que o problema não era apenas lá na área das piscinas.

Ainda bem que o Léo estava comigo: ali ele demonstrou que não foi campeão de tiro à toa. Sacou a arma e atirou na cabeça do Maldito. O morto caiu sobre a ex-

posição de troféus que fica localizada logo na entrada do clube, espalhando cacos de vidro na rampa de acesso à rua.

Um rapaz que nos acompanhava na correria tropeçou e caiu sobre os cacos, bloqueando parcialmente o caminho, o que dificultou a saída das outras pessoas que vinham atrás de nós.

Corremos, mas vimos que a coisa estava se alastrando.

Enquanto um de nós destravava a moto, o outro atirava. As pessoas que estavam na rua e viam o que estávamos fazendo começaram a achar que éramos loucos. E, de fato, talvez tenhamos acertado mais que Malditos. Mas quem iria nos condenar? Quando o instinto de sobrevivência se apossou de nós, não havia nada que pudesse ser feito.

Montamos, Léo em sua Suzuki Bandit 1250S e eu em minha Harley-Davidson XR 1200X. Lembrei de um artigo que escrevi sobre a minha viagem na moto: “3.900 km em uma HD”. Quem sobreviver ao que está por vir que procure pelo artigo aí na internet.

Arrancamos, corremos. Descemos a rua Professor Estevão Pinto, cortamos a avenida do Contorno. Próximo ao Hospital Life Center estava um caos. Ambulâncias, veículos, pessoas, feridos, malditos.

Seguimos caminho pela rua Cláudio Manoel até a avenida Afonso Pena. Paramos em frente à padaria ABC, no cruzamento com a Getúlio Vargas. A cidade já estava demonstrando sinais de caos. Correria, pânico, gente morta. E o pior: mortos-vivos.

Léo ligava para Thathi; eu, para nossa mãe. Foi a segunda vez que vi o Léo chorar. Ele ligava desesperado; ela não atendia.

Nosso pai atendeu meu telefonema. Com o raciocínio falhando – era muita adrenalina –, eu disse:

– Tranca a casa, bota a Ripley pra dentro, pega material combustível e espera a gente.

– Que isso, Gustavo? O que aconteceu?

– Depois explico. Tô chegando. Faz o que mandei.

O Léo gritou, eu desliguei.

– Tô indo lá em casa pra pegar o papai e a mamãe.

– Gustavo, a Thathi disse que tem gente querendo entrar na casa dos pais dela. Ademir e Anderson estão segurando a porta, mas não vão aguentar por muito tempo. Me ajuda!

Percebi que os filmes de George Andrew Romero estavam se materializando. E como a vida imita a arte, as cidades seriam um perigo. Precisávamos de um abrigo.

Liguei novamente pra casa. Pedi ao meu pai para pegar o carro e ir para o sítio. Deveria levar só a mamãe e avisar o nosso outro irmão, Eduardo (ou Du). Ele também deveria ir pra lá com sua esposa, Cíntia. Avisem a todos para sair de Belo Horizonte. Desliguei, voltando o olhar para o Léo:

– Vou lá com você.



Montamos nas motos e pilotamos pra lá. No caminho passamos por mais um maldito. Léo jogou a moto sobre ele, derrubando-o. A moto deu uma derrapada, mas Léo conseguiu continuar tocando. Nunca tínhamos corrido tanto. Estávamos tão preocupados com o destino que esquecemos do trajeto: era domingo em Belo Horizonte.

Domingo em BH é sinônimo de Feira Hippie da Afonso Pena. Tradicional há mais de quatro décadas, o evento acontece todos os domingos. A feira é a maior do gênero em espaço aberto em toda a América Latina e reúne, mais ou menos, três mil expositores para um público de cinquenta mil pessoas. Ou seja, a feira é um banquete para os malditos.

Ao nos aproximarmos de lá, desviamos o caminho pela rua dos Guajajaras. Atravessamos o cruzamento a mil. Pelo retrovisor, percebemos o flash de luz do radar. E aquela multa da BHTrans nunca chegou.

O centro de BH sempre guardou certa semelhança com filmes de apocalipse zumbi, por seu amontoado de pessoas, mas agora o risco era mais do que uma de minhas divagações.

Fomos até a praça Raul Soares e, de lá, pegamos o antigo Elevado Castelo Branco, atual Helena Greco. Precisávamos desviar do centro, das pessoas. Não sabíamos ao certo quem era Maldito e quem só estava desesperado. Não importava: a Thathi e a família estavam em perigo. Aceleramos como nunca.

No Elevado, não tivemos óbice algum, pelo contrário, foi a parte mais tranquila. Entretanto, ao sair dele, na avenida Dom Pedro II, sinais de violência saltavam aos olhos. Veículos queimados sobre o posto, malditos perambulando pelas ruas, bandidos se aproveitando para saquear lojas.

Fomos obrigados a reduzir a velocidade.

De trás de uma árvore, um homem trajando calça e jaqueta vermelha começou a dançar na rua. Devia estar achando que estava no clipe de *Thriller*, mas aquele Michael Jackson belo-horizontino durou apenas alguns segundos: os malditos se amontoaram sobre ele, dilacerando-o. Foi a última coisa que vi pelo retrovisor. Mas, graças àquele lunático, conseguimos atravessar aquela avenida, passando pela rua Antônio Peixoto Guimarães.

No posto de gasolina ali ao final, havia apenas uma carreta estacionada, mas sem sinais visíveis de malditos.

Continuamos pelas ruas do bairro até a casa da Thathi.

Chegando lá, nos deparamos com dois Malditos na entrada, vagando a esmo. A munição estava acabando, mas atirei nos dois. O Léo não quis nem saber, entrou correndo na casa. Ouvei sete disparos lá dentro.

Corri. No chão, seis corpos, imóveis. Meu olho estava acostumando com a escuridão do interior da casa. Um vulto se mexia perto da porta. Era o Léo. Safado, só errou o primeiro tiro. Pegou os seis Malditos, e não deixou nada pra mim.

Chamamos pela Thathi. Estavam todos bem.

– Acabou minha munição.

– O que tá acontecendo?

Outra surpresa: eu nunca tinha visto Ademir, sogro de meu irmão, desesperado. Olhos esbugalhados, mãos trêmulas, boca seca. A cara de espanto era evidente. Todos estávamos assim. Anderson carregando Marlene. Ela estava desmaiada. A Thathi chorava copiosamente, abraçada com o Léo.

Ouvíamos gritos na rua, sirene, correria.

Tínhamos que sair, mas primeiro precisávamos nos organizar.

Sentamos, bloqueamos a parte de baixo da casa da Thathi, inclusive colocando a estante na porta da sala, juntamente com a geladeira e o freezer. Peguei todos os produtos de limpeza ao nosso alcance – talvez os Malditos se orientassem pelo cheiro – e despejei sobre os panos. Também queimamos umas garrafas plásticas para dar cheiro. Depois fui estudar os cadáveres alvejados por meu irmão, enquanto os demais cuidavam de conferir a casa, coletar mantimentos e itens que poderiam ser úteis.

O fluido corporal das aberrações possuía uma cor bizarra: uma mistura de vermelho, bege e preto. Achei que deveria ser por causa de um processo de coagulação.

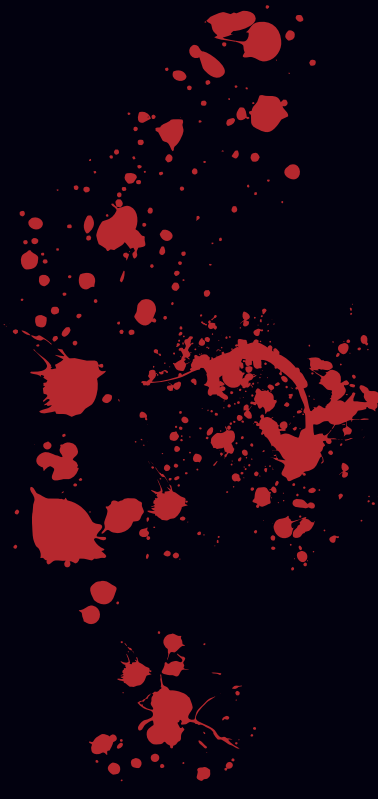
Mais uma coisa estranha: narinas aparentemente dilatadas. Cinco deles possuíam marcas de mordidas e arranhões, mas o sexto, um cidadão caucasiano de estatura média, não. Ele possuía arranhões nos braços, mas, naquele momento, não vi nenhuma marca de lesão mais grave, exceto o local onde ele foi alvejado.

E o fedor que exalava deles era muito forte. Como não sou médico-legista, não consegui concluir absolutamente

nada, mas, talvez, aquelas observações pudessem, no futuro, ajudar em alguma coisa.

Nos encolhemos e ligamos para o Du. Eles estavam sãos e salvos, a caminho do sítio, já na Serra do Rola-Moça. Orientamos para que, assim que chegassem lá, reforçassem as portas e janelas, e não se comunicassem com os vizinhos. Não sabíamos se a contaminação já estava por lá também. Eles iriam tentar contatar nossos parentes e amigos, tentar salvar mais alguém. Os parentes de Divinópolis, capitaneados por Pedro, Régis e Rames, procuraram abrigo em um sítio próximo à Leandro Ferreira.

Com a voz embargada, nos despedimos com um “até breve” que poderia nunca acontecer.



Montamos nas motos e pilotamos pra lá. No caminho passamos por mais um maldito. Léo jogou a moto sobre ele, derrubando-o. A moto deu uma derrapada, mas Léo conseguiu continuar tocando. Nunca tínhamos corrido tanto.

Estávamos tão preocupados com o destino que esquecemos do trajeto: era domingo em Belo Horizonte. Domingo em BH é sinônimo de Feira Hippie da Afonso Pena. Tradicional há mais de quatro décadas, o evento acontece todos os domingos. A feira é a maior do gênero em espaço aberto em toda a América Latina e reúne, mais ou menos, três mil expositores para um público de cinquenta mil pessoas. Ou seja, a feira é um banquete para os malditos. Ao nos aproximarmos de lá, desviamos o caminho pela rua dos Guajajaras. Atravessamos o cruzamento a mil. Pelo retrovisor, percebemos o flash de luz do radar. E aquela multa da BHTrans nunca chegou. O centro de BH sempre guardou certa semelhança com filmes de apocalipse zumbi, por seu amontoado de pessoas, mas agora o risco era mais do que uma de minhas divagações...

GRUPO
D'PLÁCIDO



Rodapé

ISBN 978-85-60519-38-5



9 788560 519385